

“Entre margens culturais: a gestão das identidades pessoais e sociais de imigrantes em Portugal”.

Ricardo Vieira

CIID-IPL e CesNova Portugal

rvieira@ipleiria.pt

1. A problemática

Este texto dá conta, grosso modo, da interpretação e análise ao guião do documentário “Partir, Chegar e Voltar” publicado em Maio de 2013 num livro com o mesmo nome (Vieira, Margarido e Marques, 2013). Digamos que é a versão escrita do filme realizado com 5 imigrantes brasileiros: O Marcelo, o Márcio, o Marcos e a Márcia, um casal, e o Rowney.

Neste documentário apresentam-se retalhos de histórias de vida de imigrantes que escolheram Portugal como destino. O objetivo é mostrar as formas como cada um deles viveu a experiência de migração e como esse processo influenciou a sua atitude perante a diversidade sociocultural.

Pretende-se saber de que forma a história de vida de cada um influencia o seu quotidiano enquanto imigrante e, a partir daí, perceber as diferentes maneiras de ser imigrante, isto é, como cada entrevistado (re)integrou a sua cultura de origem e a cultura de chegada no processo de aculturação que está a viver.

O modelo que seguimos, para explicar as diferentes estratégias usadas por estes imigrantes brasileiros em Portugal, compreende várias formas de lidar com a situação de aculturação: 1), rejeitando a cultura de origem (o oblato), 2) rejeitando a cultura de chegada num dado momento (o monocultural, de acordo com a cultura de partida), 3) vivendo de forma ambivalente entre as duas (o eu multicultural), 4) inventando a terceira margem, como dizem os poetas, que corresponde a uma atitude de incluir as diferenças culturais por que se passou ao longo da história de vida, num *self* intercultural (o trânsfuga intercultural) (Vieira, 2009).

Procura-se mostrar o jogo das fronteiras simbólicas de imigrantes que se assumem ora como brasileiros em Portugal, ora como luso-brasileiros, ora como cidadãos do mundo, idealizando a utopia de uma “imigrónia” onde os imigrantes, os considerados “sem

terra”, fossem reconhecidos como tendo identidades compósitas e mestiças e capazes de se adaptar a vários territórios identitários para além dos da cultura de origem.

2. A Identidade como Processo Dinâmico

Cada sujeito nasce num determinado lugar físico e cultural. Mas, na contemporaneidade, não podemos pensar a identidade como sendo essa pertença exclusiva, essa identificação apenas com o lugar de nascimento, com a língua primeira, a cultura de origem, com as primeiras palavras, com a primeira religião, com esse primeiro, primeiro, primeiro... que se pode classificar de atitude primordialista. Nós não somos apenas de um lugar. E as nossas fronteiras não são físicas, são, antes, simbólicas (Barth, 1995).

É preciso pensar que a paisagem social portuguesa se alterou imenso nas duas últimas décadas. Os outros, a alteridade, estão mais visíveis entre nós. Os brasileiros estão mais visíveis entre nós portugueses. Eles fazem parte do nosso património e, neste sentido, é o próprio Portugal que se torna ainda mais multicultural do que já era (Bastos e Bastos, 1999). Mas os brasileiros, tal como outros imigrantes, gerem, cada um à sua maneira, de forma heterogénea as suas várias identificações.

O eu plural (Lahire, 2002) (re)inventa-se, a cada momento, numa multiplicidade de pertenças e espaços simbólicos, num processo contínuo de mestiçagem (Laplantine; Nouss, 2002; e Vieira, 2009): cada um é aquilo que é pelas relações que estabelece e pela forma original com que se apropria do outro, tornando-o seu, num balanço contínuo para que o projeto de vida faça sentido.

3. O Marcelo

Marcelo, de 29 anos, nasceu no Brasil no Estado de Minas Gerais, filho de uma mãe professora e de um pai mineiro. Afirmando que teve sempre tudo aquilo que quis, Marcelo ambicionava ser independente e veio para Portugal em busca de autonomia. Marcelo considera que não há muitas diferenças entre Brasil e Portugal, razão por que, talvez, se tenha familiarizado e adaptado rapidamente ao novo país.

Assumindo-se uma pessoa bastante sociável, considera que nunca foi alvo de discriminação em Portugal. Diz que as pessoas não o reconhecem como estrangeiro. No entanto, assume a diferença de comportamentos das pessoas de Lisboa e da Nazaré, onde reside atualmente.

O eu multicultural

Além de encontrar regularmente com outros brasileiros, Marcelo não perde contacto com o país de origem vendo, regularmente, novelas brasileiras que são transmitidas pelos canais portugueses. O futebol serve a Marcelo como suporte para afirmação de uma vontade de pertença, de uma identificação com Portugal. Esta vontade é bem manifesta na razão da escolha do clube da sua preferência: o Benfica por ser o mais representativo de Portugal. Mas esta vontade de identificação com Portugal e os portugueses não anula a identificação com a sua terra. O clube do coração continua a ser o Atlético Mineiro.

“Quando eu cheguei a Lisboa, eu sabia que em Portugal havia Porto e Benfica e ouvi falar que também havia o Sporting, mas isso foi depois porque nem sabia que havia o Sporting, pensava que o Sporting era um clube mais ou menos. Já cheguei a jogar no Pataiense. Quando cheguei a Lisboa e vi tanta camisola do Benfica e uma do Sporting, pensei: *vou ser do Benfica, é o que tem mais adeptos*. Depois ouvi a história do clube, que há muito tempo que não ganhava, mas isso não fez diferença, porque o meu clube só foi campeão uma vez, mas também é difícil porque no Brasil são 15 clubes candidatos ao título”.

“Eu nunca parei para pensar nisso, eu quero que Portugal ganhe o Euro, estou a torcer por Portugal”.

Os hábitos culturais de Marcelo alteraram-se, nomeadamente na sua forma de falar e de alimentar. Relativamente à língua, Marcelo refere que, inicialmente, existiu alguma dificuldade em entender o que os portugueses diziam. Atualmente, existe um melhor entendimento da língua portuguesa, trata-se de uma miscelânea linguística que vagueia entre o português de Portugal e o do Brasil. Apesar de estarmos perante a mesma língua – o português - estamos a falar de duas línguas significativamente diferentes no seu entendimento. Ele acaba por construir uma terceira língua (Serres, 1993; Vieira, 1999) com que fala e entende os quotidianos.

“[...] hoje em dia o meu sotaque é até um pouco misturado, muito misturado mesmo. [...] [Já percebo o português] Bem melhor, hoje em dia eu já falo muitas palavras misturadas, eu falo brasileiro e português também. [...] o meu sotaque é totalmente misturado, mas é sem querer, eu não falo porque eu quero. Por exemplo: hoje eu não sei falar ‘Brasiu’. [actualmente digo] “‘Brasil’, ‘Imperial’, porque é hábito”.

Um projeto em aberto

Apesar de ter comprado um pedaço de terra no Brasil com o dinheiro que já poupou em Portugal, Marcelo não faz ideia de como será o futuro, assumindo que ficar em Portugal é uma grande possibilidade.

“[...] eu acho que vai ser por aqui mesmo, penso que tem que ser por aqui. [...] Neste momento eu não sei assim do meu futuro, sabe? Eu não sei... ou eu posso voltar para o Brasil no final do Verão que vem ou ficar aqui 6 anos sem ir lá, uma dessas 2 coisas. [...] Não sei como é que vai ser, é complicado, mas quem sabe se daqui a uns 10 anos eu a levo para lá... [risos]”.

Com o vencimento que recebe já conseguiu comprar, no Brasil, um terreno com uma casa, no entanto, menciona que quer começar realmente a economizar depois dos 35 anos: “[...] não posso comprar um terreno com um mês de trabalho. No Verão ganha-se muito dinheiro mas também trabalho muito”.

4. Marcos e Márcia

Marcos e Márcia estão casados há quatro anos. Têm um bebé recém-nascido. Vieram de uma cidade do interior a 400 km de São Paulo, São José de Rio Preto. Marcos trabalha numa estação de serviço na Nazaré. Quando Márcia engravidou deixou de trabalhar. Atualmente estão a tratar do processo de legalização. Juntamente com o casal vive um irmão da Márcia e outro imigrante brasileiro. Dividem a renda entre os quatro. E quais são as principais diferenças entre a vida que têm em Portugal e a que tinham no Brasil? A imagem que tinham de Portugal antes de emigrarem era a imagem transmitida pelos avós portugueses. Para aqueles que ficaram no Brasil, Portugal é um país muito rico e pelo facto de terem emigrado as pessoas acham que eles têm muito dinheiro. Todavia, as dificuldades são muitas para quem chega a Portugal vindo doutro país, não sendo por isso uma vida fácil. Quando questionados sobre a sua relação com os portugueses e da existência de discriminação, a resposta é conclusiva.

Um começo difícil

Segundo Marcos, no começo foi mais difícil, "*um ano para adaptar... eu nos primeiros 2 dias queria apanhar o avião e voltar. [...]. É um contacto que a gente sente, de ver as pessoas. Falar de um jeito ... o clima é outro, lá é muito alegre, o Brasil é muito alegre, muito divertido. Aqui é mais calmo, mais tranquilo. [...]. Aí eu fiquei naquela saudade. Sabe vou embora...*"

“Foi diferente, ...é diferente.... Não estou dizendo que é ruim, é o costume. [...]. Não conhecemos muito de Portugal, só Lisboa e aqui Leiria, e mais nada. Não saímos porque não temos carro e sem carro não há nada. E não posso dirigir também porque não tenho a carta de condução.

Vida de Imigrante

Enquanto a Márcia trabalhava, ainda dava para guardar algum dinheiro. Como o Marcos diz:

"Aqui em Portugal a vida de imigrante é assim: num casal um paga as contas, o outro guarda dinheiro..., e não estou mentindo, pode perguntar a qualquer um. A nossa vida aqui é, infelizmente, trabalho / casa; casa / trabalho, e sair com ele (o bebé) é para dar uma voltinha para o acalmar. Vida noturna a gente não faz. Não tenho condições de sair à noite e beber uns copos. Se eu tirar dinheiro para sair à noite, esse dinheiro já me vai fazer falta. [...] O nosso programa é a televisão”.

As duas margens do rio: a ambivalência entre partir ou ficar

Se para a Márcia não há qualquer dúvida de que a felicidade mora no Brasil, Marcos está de momento muito dividido: ora diz uma coisa, ora diz imediatamente o contrário.

"Eu não tinha imagem lá, não conhecia a cultura, agora que conhecemos estamos gostando mais. O primeiro ano foi terrível, mas agora tenho uma visão boa, estou gostando muito, tanto é que eu tenho intenção de ficar mais por aqui [...]”.

Momentos depois, quase que entrando em contradição, Marcos não só fica hesitante entre partir ou ficar como, também, afirma que não vale a pena ficar se a mulher não ajudar a juntar dinheiro.

"Depois de guardar o dinheiro de um ano dava para pagar a casa lá e comprar outra quase igual, se ela conseguir algum emprego a gente fica, senão vamos. A gente gosta muito de ficar aqui, mas ficar aqui sem juntar dinheiro, longe da família inteira, sem poder sair de casa, [...] então fica essa questão: vou ou não vou" (Marcos).

Uma das formas de encetar regularmente a viagem até ao Brasil, uma viagem intelectual, é visionar o canal 25 da Cabovisão, um canal brasileiro:

"Temos o canal 25, na cabovisão, que fala do Brasil, então às vezes pomos lá, e vemos as notícias... alguma coisa esportes. [...] Vemos muitas novelas brasileiras também. No Brasil é assim, é novela, futebol e Carnaval, mais nada...e festa [...] e samba [...] (Marcos).

Por outro lado, *“Na passagem de ano, aniversários, etc. encontram-se com brasileiros para matar saudades, outra forma de fazer a viagem intelectual. “eles vêm aqui ou nós vamos a casa deles... só 2 ou 3 casais”* (Márcia):

“O churrasco tão típico dos brasileiros nos fins-de-semana não é prática habitual deste casal que invoca as dificuldades económicas para o fazer: "No Brasil é habitual fazermos festas para estarmos juntos, é quase todo o dia,

fazemos aquele churrasco. [...] Aqui é mais apertado, não tem jeito" (Marcos).

Para saber como está a família no Brasil, Marcos e Márcia telefonam regularmente:

"[...] a gente compra o cartão Brasil [...]. Todo o fim de semana a gente liga, pelo menos isso é o que mata a saudade, temos que saber como estão os irmãos, a mãe como está indo... a mãe fica louca, gosta de falar do bebê agora. (Marcos).

"Quanto mais a gente fala mais saudade dá..." (Márcia)

O etnocêntrico: a rejeição da metamorfose

Este casal não parece estar muito interessado em se integrar na sociedade portuguesa. Marcos e Márcia não demonstram, assim, grande interesse no convívio com a sociedade local, em participar nas festas e viver de acordo com o quotidiano português. Não se sentem muito mudados porque o seu projeto é voltar para o Brasil, logo que a vida o permita.

O nascimento de Leandro veio alterar este projeto e dividir as intenções do casal. Enquanto Márcia está certa que a felicidade reside no regresso ao Brasil, Marcos está dividido e considera que caso a conjuntura económica se altere, prosseguir a vida em Portugal é um cenário possível, numa clara alusão a uma construção permanente da identidade.

Mais uma vez, podemos confirmar como a alimentação pode servir para afirmar uma identificação. Conhecem a cozinha portuguesa, mas não gostam.

Também ao nível gastronómico, este casal recusa a cultura portuguesa. Conhecem pratos portugueses mas não apreciam: "*Eu procuro chegar ao máximo possível perto da brasileira*" (Márcia).

O Marcos gosta de "Super Bock", "*mas gosto de comprar uma cerveja brasileira também [...]*".

Ao contrário de Marcelo, o futebol permite ao Marcos afirmar sem reservas a sua identidade de brasileiro.

O futebol como fenómeno que permite observar as adesões identitárias, também serve ao Marcos para afirmar a sua centralidade na cultura primordial:

"É assim, no Brasil há mais competição, mais equipas, aqui tem menos equipas, mas é bom porque também tem muitos jogadores de fora. Aqui tem 3 equipas muito boas: o Sporting, o Porto e o Benfica. [...] Não torço por nenhum clube. [...].

Quanto a uma competição Portugal-Brasil, *"Se for uma competição verdadeira eu torço pelo Brasil; o Brasil é o melhor"* (Marcos).

O projeto

O projeto inicial deste casal era voltar ao paraíso perdido da cultura de origem, apesar das dificuldades da vida no Brasil. Mas o nascimento de Leandro veio alterar o projeto:

"[...] o nosso plano era trabalhar até ao final deste ano para meter um dinheirinho em casa, para voltar para o Brasil" (Marcos)

"Viemos com a intenção de ficar um ano ou dois no máximo" (Márcia).

Contudo, o nascimento do Nicholas veio alterar os planos. O retorno foi adiado:

"Agora não, só se for para o ano, a gente está vendo, porque se ela não conseguir emprego... é como eu digo, não vale a pena ficar só eu trabalhando e não juntar dinheiro, então mais vale estar junto lá dos nossos amigos" (Marcos).

Mas a ideia continua a ser o regresso ao paraíso da cultura de partida, ainda que, como objetivamente dizem, a vida lá é difícil: *"o complicado lá é isso, é pagar a renda e com um filho para sustentar, a gente só nós dois sozinhos é difícil, então com uma criança ainda é mais"* (Marcos).

Mas o projeto é uma eterna construção que levanta a cada momento novas dúvidas: *"eu fiz um plano em Janeiro do ano passado, que mudou porque ela ficou grávida, agora a gente tem um plano de ir embora talvez no próximo ano, mas pode ser que mude também"* (Marcos).

O Marcos, ao contrário da Márcia que parece ter certezas que é no voltar à origem que está a felicidade, vive dividido e diz uma coisa e o contrário quase de seguida a propósito de qualquer assunto, seja alimentação, bebidas, tempos livres, carnaval, ou sobre a visão dos portugueses e sociedade portuguesa:

"Eu não tinha imagem lá, não conhecia a cultura, agora que conhecemos, estamos gostando mais. O primeiro ano foi terrível, mas agora tenho uma visão boa, estou gostando muito, tanto é que eu tenho intenção de ficar mais por aqui" [...] "Depois de guardar o dinheiro de um ano dava para pagar a casa lá e comprar outra quase igual, se ela conseguir algum emprego a gente fica, senão vamos. Ficar aqui sem juntar dinheiro, longe da família inteira, sem poder sair de casa, fica essa questão: fica ou não fica". (Marcos).

Márcio e Rowney são imigrantes da primeira vaga de imigração, do início dos anos 80 e 90. Ambos têm formação superior: Rowney é cirurgião dentista e Márcio é professor do

ensino superior. Ao contrário dos imigrantes apresentados antes, os seus discursos acusam já um tempo longo de vivência em Portugal e contornos de transformação diferentes.

5. Márcio Lopes

Márcio Lopes está em Portugal há 14 anos. É natural do Rio de Janeiro e é casado com uma brasileira da qual tem uma filha pequena. Depois da licenciatura em economia, emigrou para Portugal, país que foi a sua segunda escolha, para fazer um mestrado na universidade de Coimbra.

A fuga ou a invenção da terceira margem

A mestiçagem não é fusão. É disjunção. É fuga. Essa fuga que só se torna consciente quando os olhares e discursos que os outros nos devolvem, quer os da primeira, quer os da segunda margem, nos dizem que não pertencemos nem a uma nem à outra cultura. A dupla pertença geradora de ambiguidade é objetivada e a descolagem para uma terceira margem do rio, como diz Guimarães Rosa, torna-se possível.

Apesar dos anos em que já está em Portugal, Márcio não se considera luso-brasileiro. No entanto, reconhece que quando vai ao Brasil, as pessoas encaram-no como estrangeiro e o mesmo sucede quando está em Portugal.

A alimentação e as pertenças identitárias

Como já tivemos oportunidade de observar nos casos anteriores, também a alimentação pode servir para avaliar, de forma mais ou menos objetiva, a forma particular como cada sujeito manipula as suas diferentes pertenças. Para o Márcio, a picanha e a caipirinha representam a sua ligação à primeira margem; servem como suportes simbólicos de ancoragem à cultura brasileira.

“Tenho necessidade da picanha, por exemplo, mas não preciso ir ao restaurante, picanha compro”.

“Faz caipirinha em casa e é muito boa, toda a gente gosta da minha caipirinha, há pessoas que vão lá em casa só por causa da minha caipirinha”.

Tal como ocorre com os alimentos, também o futebol serve de catalisador da identidade. Pelo que é possível saber através da adesão ou ligação clubística o peso, ainda que

remanescente, das várias pertenças.

“Quando há jogos do Brasil com Portugal torço pelo Brasil. Não gostava que Portugal perdesse, mas gostava que o Brasil ganhasse”.

O oblato: “Eu não sinto saudades do Brasil”

Ainda que mantendo os hábitos que o ligam ao Brasil, como a picanha ou a caipirinha, Márcio considera que ir ao país de origem tornou-se apenas uma obrigação. Admite, ainda, que os brasileiros consideram Portugal um país rural, mas que a adesão à União Europeia alterou em grande parte a opinião generalizada do povo brasileiro.

“[...] a única coisa que eu fazia bom gosto que ela conhecesse era a família [...] a família toda brasileira ainda não conhece. [...] Era para voltar este ano [ao Brasil], mas não vou. Mas sim, tenho que lá ir. Eu não sinto saudades do Brasil, para mim é uma grande seca ir para o Brasil nas férias. Porque assim como há o turismo religioso, o turismo cultural, há o turismo familiar, ou seja, quando vou tirar férias para o Brasil, para além de ser umas férias caras, se for eu mais a minha mulher só de despesa de passagem aérea, sai caro. E quando chego ao Rio é cumprir a missão familiar de visitar os meus tios, a minha avó, a minha mãe, é importante mas é uma seca [risos]”.

Existe, de certo modo, uma rejeição de Márcio no que se refere à primeira margem, atendendo a que o regresso é encarado apenas como a concretização de uma missão familiar, quase como o cumprimento de uma promessa ou de uma ética pessoal:

“Eu não sinto saudades do Brasil, para mim é uma grande seca ir para o Brasil nas férias. Porque assim como há o turismo religioso, o turismo cultural, há o turismo familiar [...] E quando chego ao Rio é cumprir a missão familiar de visitar os meus tios, a minha avó, a minha mãe, é importante mas é uma seca [risos]”.

6. Rowney Furfuro

“A Imigrónia não existe, logo não tenho canto.”

Rowney nasceu no Rio de Janeiro e é dentista em Leiria, Portugal. Está em Portugal há dezassete anos e tem uma família luso-brasileira: a mulher é portuguesa, do Porto. Rowney tem duas filhas dum primeiro casamento. Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida, na altura, a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então.

O eu intercultural

Rowney reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um projeto em aberto:

Eu sinto-me um cidadão da Terra.

Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo”.

A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar”.

A sua adesão à cultura de origem faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil, e a firme recusa de pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afetivo na escola de samba a Portela, ou no clube de futebol brasileiro, o Flamengo; investimento que não faz em qualquer clube português.

“Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata.

Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo (risos), é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raíes da loucura (risos) tenho os meus pontos fracos, sou humano”.

“O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo”.

Se o futebol funciona como âncora importante à cultura de origem, essa dimensão ontológica, o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras.

“Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar, na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiromente, abomino couves, então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa, o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada,

entretanto o bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”, tenho um “asco” de sardinha assada para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado, mas em contra partida sou apaixonado por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas. E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só”.

“Um português de brincadeira” na margem de cá

Através da família portuguesa, das filhas, e da nação, simbolizada pelo hino que entoava de forma emocionada, este emigrante brasileiro reclama a sua portugalidade.

“Você coloca pão para assar no forno, o que é que sai de lá? Pão ou borboleta? Sai pão. Portanto, as minhas filhas são portuguesas, elas nasceram aqui, filhas de pais brasileiros mas são portuguesas, sempre senti isto. A questão é saber qual o enfoque que se vai dar a esta questão, oficialmente não são, tecnicamente se calhar também não”.

“Eu, inicialmente, mantive-me completamente brasileiro, imigrante sem laços. O estatuto de igualdades, direitos e deveres transforma-me num indivíduo brasileiro com os mesmos direitos e deveres de um cidadão português, é como se eu fosse português de brincadeira”.

“O Hino Português me faz muita diferença, eu tenho uma relação com o Hino Português muito curiosa porque quando eu chego a Portugal e vejo a eloquência, a rapidez com que o hino chega aos portugueses, eu fiquei completamente encantado com isso, então ficou uma simpatia muito grande pelo hino. Hoje quando se canta o hino nos jogos da selecção, por exemplo, há bem pouco tempo estava a começar um jogo de Portugal e começámos a cantar o hino “Heróis do mar nobre povo ...” e as minhas filhas ficaram a olhar para mim e perguntaram-me se eu sabia o hino todo. Claro que eu sei como é que eu vivo há 17 anos aqui e não ia saber o hino, esse hino para mim já faz muita diferença. A “portugalidade” já me é muito cara. Não vou deixar de ser brasileiro nunca”.

A metamorfose

É o olhar dos outros que permite objetivar a transformação que sofreu e tomar consciência dessa disjunção da identidade.

A fuga pela terceira margem

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Rowney é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem, o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra.

Conclusão

Os imigrantes vivem e gerem de modo idiossincrático as identificações com as diferentes culturas, desde a de partida até às outras por onde passam. Os imigrantes podem optar entre uma atitude mais pragmática de integração na sociedade de destino, descurando ou distanciando-se da cultura de origem ou, pelo contrário, privilegiar uma dimensão mais ontológica, vivendo de acordo com a sua cultura de origem mesmo que integrados laboralmente na sociedade de acolhimento. Neste caso, o apelo das raízes influencia o seu comportamento, podendo, mesmo, levar à recusa da cultura de chegada, constituindo-se num modelo etnocêntrico de acordo com a cultura de partida.

Há, ainda, um outro tipo de estratégia identitária que é viver perfeitamente entre os dois mundos, o de partida e o de chegada. No primeiro modelo enquadram-se aqueles que têm medo de falar de si e de enunciar o seu passado e procuram transmitir a ideia de que são exclusivamente produto da cultura de chegada e na sua comunicação nunca usam elementos dos contextos da sua infância e da cultura de partida. É o oblato (Vieira e Trindade, 2008; Vieira, 2011).

O segundo modelo é o do trânsfuga intercultural. Neste caso há uma aceitação da nova cultura sem rejeitar a antiga. Os indivíduos integram a cultura do país de chegada no universo pessoal, o que dá uma nova dimensão à cultura de origem sem a destruir ou substituir, emergindo uma terceira dimensão, a terceira pessoa, resultante da integração comparativa do eu e do outro, do nós e do eles, em si (Vieira e Trindade, 2008; Vieira, 2011).

Referências bibliográficas

BARTH, Frederick (1995), “Les Groupes Ethniques et leurs Frontières”, in Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, *Théories de L’Ethnicité*, Paris: PUF.

BASTOS, José e Bastos, Susana (1999), *Portugal Multicultural*, Lisboa: Fim de Século.

LAHIRE, Bernard (2002), *O Homem Plural*, S. Paulo: Ed. Vozes.

LAPLANTINE, François e NOUSS, Alexis (2002), *A Mestiçagem*, Lisboa: Instituto Piaget.

VIEIRA, Ricardo (2011), *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*, Porto: Edições Afrontamento.

VIEIRA, Ricardo (2009), *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*, Lisboa: Colibri.

VIEIRA, Ricardo e TRINDADE, José M. (2008), “Migration, Culture and Identity in Portugal”, in *Language and Intercultural Communication*, vol. 8, nº 1, pp. 36-49.